

Estado de São Paulo  
BIBLIOTECA  
Estado de São Paulo / 1 / 10

ANO XXXIV — N.º 3

# BOLETIM PECUÁRIO

1966

A SEXAGEM DE PINTOS NEW-HAMPSHIRE  
MEDIANTE AS PARTICULARIDADES  
DA COLORAÇÃO DA PENUGEM

*Por*

LUÍS F. R. VIEIRA DE CASTRO

A prática da sexagem de pintos do dia remonta já a algumas dezenas de anos, baseando-se os estudos então efectuados por PUNNETT (1919), DURM (1923), THOMPSON e BLACK (1935) e WARREN (1942), nas particularidades da coloração da penugem relacionadas com a hereditariedade ligada ao sexo.

Um pouco posteriormente porém, surge o método japonês com base no estudo das características particulares da cloaca, efectuado por numerosos investigadores entre os quais se destacaram MASUI e HASHIMOTO (1933), FORSYTH (1934), SHRADER, BURROWS e HAMMOND (1934), GIBBS (1935), ALDER (1935) e CANFIELD (1940-41). Ora, com a generalização cada vez maior da comercialização de pintos sexados, houve necessidade de criar novos métodos inerentes a essa operação.

Efectivamente como o método japonês apresenta certas dificuldades, nem sempre fáceis de resolver pelos executantes menos experientes, houve que lançar mão do estudo das particularidades da coloração da penugem dos pintos de algumas raças. Este método, além de mais acessível pela facilidade de execução em relação ao anteriormente referido, apresenta a vantagem não menos importante do menor risco de transmissão de certas doenças, como por exemplo a Pulatorose. Assim, vários estudos têm sido conduzidos no sentido da identificação do sexo de pintos, mediante o exame da coloração da penugem.

No que respeita à Plymouth Rock Barrada, QUINN e KNOX (1939) e JEROME (1939) verificaram que a intensidade da pigmentação negra da penugem e dos tarsos é variável consoante o sexo e bem assim as características da malha clara exibida na região occipital.

Dada pois a vantagem da prática deste método baseado na hereditariedade ligada ao sexo, foram criadas várias raças tais como a Cambar de PUNNETT e PEASE (1930), proveniente do cruzamento entre machos Campina Dourado e fêmeas Plymouth Rock Barrada. Os pintos machos obtidos apresentam uma cor pálida manchada, enquanto que as fêmeas são mais escuras, com a cor típica da Campina.

A Legbar de PUNNETT (1940), proveniente de galos Leghorn perdiz e fêmeas Plymouth Rock Barrada, em que os pintos machos resultantes apresentam além de listas sobre a região dorso lombar, uma malha clara na cabeça, particularidade que os distingue das fêmeas.

A Ancobar de LAMOREUX (1941), cuja sexagem se baseia na presença ou ausência de malha preta na cabeça bem como na intensidade de pigmentação do dorso.

A Redbar descrita por MUNRO (1939) e HAGEDOORN (1946) e obtida a partir de machos Rhode Island Red e fêmeas Plymouth Rock Barrada. HILL e LLOYD (1945-46) estudaram a sexagem dos pintos resultantes com base na intensidade da pigmentação das malhas da cabeça e listas do dorso.

A Leghorn castanha de MACARTHUR e MAC ILRAITH (1946) em que o método de sexagem se baseia na existência de uma lista dorsal, o qual foi estudado por MACARTHUR e JEROME (1931-33) com percentagens de cerca de 80 %. Como este método desse origem a certos erros, um novo sistema foi estabelecido por J. W. MACARTHUR e G. C. MAC ILRAITH (1941-45). Estes autores basearam-se principalmente na existência de listas na cabeça, pescoço, dorso, face, bem como sobre a penugem da extremidade da asa e da face inferior da mesma. Estas particularidades são mais aparentes nas fêmeas que nos machos.

Citam-se ainda a Dorbar proveniente de machos Dorking e fêmeas Plymouth Rock Barrada, a Utrebar, a Welbar, a Brussbar, a Buffbar, a Brockbar, etc.

Mais tarde, porém, HOMER ROWELL (1942), avicultor da região de Essex, Massachusetts, estabelece um método muito mais eficaz, que se baseia na existência de uma malha clara na penugem da superfície dorsal da membrana da asa, e que assegura a identificação de cerca de 90 % dos machos.

Posteriormente, o brasileiro W. JARDIM (1947), inspirado nos trabalhos de ROWELL e utilizando pintos Rhode Island Red, identificou outros sinais característicos que, juntamente com os determinados por aquele autor, mais vieram facilitar a prática da sexagem por este meio.

## MATERIAL E MÉTODOS

No nosso estudo, baseado nos trabalhos de ROWELL e JARDIM utilizámos 360 pintos da raça New Hampshire.

Estes pintos foram observados à saída da incubadora por grupos de cerca de 50 em cada incubação.

A observação das particularidades da coloração da penugem foi feita quer à luz directa, quer por meio da luz artificial, após o que os pintos foram identificados com anilha numerada na membrana da asa.

Para observarmos a malha clara da membrana das asas, os pintos são fixados de modo que o indicador e polegar do observador fiquem colocados debaixo destas a fim de manter a sua distensão.

O controlo da sexagem foi efectuado às 8 semanas o que, salvo raras excepções, se pratica sem dificuldade. Aos pintos mortos antes de atingirem esta idade foi realizada a necrópsia para exame dos órgãos reprodutores com vista à sexagem.

## RESULTADOS

Como se sabe os pintos New Hampshire apresentam penugem castanho-avermelhada de tonalidades que podem agrupar-se em clara, média e escura. Por outro lado, a intensidade da pigmentação destes pintos é bastante menos acentuada que nos Rhode Island Red.

Ora, como este método se baseia fundamentalmente no exame da coloração da penugem da membrana da asa, o contraste entre a coloração geral e a malha clara daquela membrana observada nos machos, é menos nítida que nos pintos Rhode Island Red.

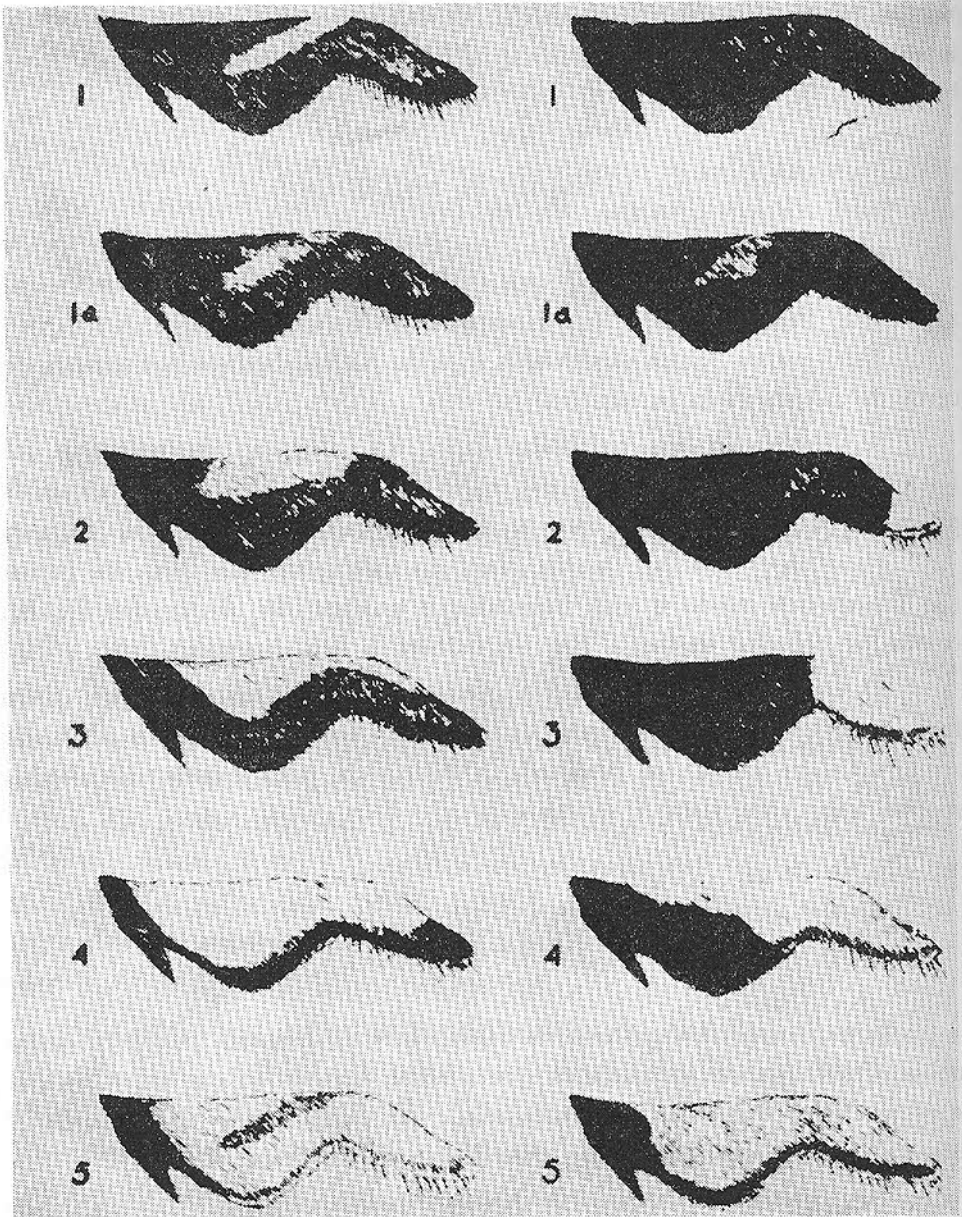


Fig. 1

Além disso, esta dificuldade é ainda agravada pelo facto da dimensão da mencionada malha apresentar variações que vão desde uma pequena lista até à extensão completa da membrana, como se verifica na escala de Kosin (1950) representada na figura I.

Com efeito, dos 360 pintos observados, notámos que 124 apresentavam a malha clara da asa, o que corresponde a 34,4 % do total, dos quais 76,6 % eram machos. Quanto ao anel claro da perna, cuja localização tem por base a extremidade inferior da tíbia, as referências são idênticas às mencionadas relativamente à malha da asa, tanto no que respeita à extensão como à sua diferenciação em relação à tonalidade da penugem. Verificámos pois que dos pintos examinados exibiam esta característica apenas 96, dos quais 75 eram machos, ou seja 76,6 %.

Das características relativas às fêmeas, destacaram-se principalmente a malha grande na cabeça e o sinal no canto do olho, pelo valor representado neste método de sexagem. Para a primeira destas particularidades devemos referir que dos pintos considerados, apenas foi observada em 90, isto é, 25 % do total. Destes, 67 eram fêmeas o que nos dá a média de 75 %. À medida que decresce o tamanho da malha, eleva-se a percentagem de machos. Assim, verificámos para a malha de tamanho médio 54,1 %; pequena 42,4 %; ponto de cor 35,5 %.

Para o sinal do canto do olho, o qual pode estar representado por um ponto ou um pequeno traço, a média foi ligeiramente inferior pois dos 92 considerados a percentagem de fêmeas foi de 70 %. No que respeita a outras características os valores encontrados são menos expressivos. Todavia, por que de alguma maneira poderão contribuir para um melhor esclarecimento do assunto, referiremos os mais importantes.

É o caso, por exemplo, do grau de intensidade da pigmentação geral da penugem. Assim, como referimos já, foi-nos dado observar três tipos distintos: claro, médio e escuro. Por outro lado verificámos que a percentagem de machos diminui à medida que aumenta a intensidade da pigmentação. Efectivamente obtivemos no grupo da penugem clara, 57,6 %; média, 53,5 % e escura, 44,2 % de machos, em relação ao total. Relativamente às fêmeas as percentagens variam inversamente à dos machos. No que respeita à intensidade de coloração da face e do ventre, as percenta-

